

TEMPERAMENTO...

Ana-Frida-Miranda-Mesquita-Souza-Cardoso & tudo.

Na última exposição da Ana Mesquita sobre duas mulheres - Carmen Miranda e Frida Kahlo – disse-lhe que o facto de ter logo visto nela o par ideal para minha colega de carteira no liceu, não chegava para justificar a amizade que sinto por ela. Essa talvez tenha nascido “porque era ela; porque era eu”, que é a mais lapidar definição que conheço de uma coisa que é indefinível. Dito isto, não sou, não serei, nem quero ser imparcial.

Mas quero dizer que a Ana desta vez vai ainda mais longe, numa demanda interior sobre o pintor amarantino Amadeo de Souza-Cardoso que nos dá a conhecer nesta exposição uma ínfima parte do que fez. Trabalhar, pensar, desenhar e pintar sobre o universo de um artista exaltando o próprio artista e conseqüentemente a sua obra, tornou-se uma marca e um imperativo do trabalho da Ana. Sobre a coragem desta opção nada mais há a dizer, podemos olhá-la de frente, felizmente.

Amadeo de Souza-Cardoso foi um pintor vanguardista como nenhum outro pintor português do seu tempo porque recusar a “arte do passado” faz parte da sua maneira de ser. Como, paradoxalmente, defender a monarquia, gostar de montar a cavalo, de touradas, de procissões e até de ir à missa. Tudo nele é uma maneira de estar na vida, coerente com a sua personalidade e ideais. Deslumbra-se com a arte dos Primitivos Flamengos, despreza o Renascimento, lê as Confissões de Santo Agostinho, elege Camilo Castelo Branco como o autor que a sua namorada Lúcia devia ler para conhecer melhor o seu país, e não lhe envia *Os Maias* de Eça de Queiroz «*porque é caríssimo e não vale a pena*». Amadeo, que nas palavras de Almada ficou imortalizado «*como a descoberta de Portugal na Europa no século XX*», foi mais do que isso. Amadeo foi o século XX, naquilo que este imprimiu de audácia e liberdade no que diz respeito ao conceito de obra de arte. Desta vez, mudou-se tudo, e nada iria voltar a ser como era.

Mas a Ana que está de corpo e alma no século XXI com tudo o que a tecnologia tem de melhor para oferecer, tem a audácia, a inteligência e o *temperamento* de voltar ao passado, aos mestres, aos grandes artistas, à grande pintura. E é isto que torna absolutamente necessário o trabalho da Ana para nós, amantes da Beleza, das referências, daquilo que em nós fica e para sempre ficou. Rever o Amadeo, o próprio Amadeo, o seu olhar, o

porte, perceber tudo ou quase tudo o que foi este homem através da cor sóbria e exuberante, dos traços fortes e suaves, das pinceladas grossas e elegantes da Ana é mais do que uma homenagem merecida e muito mais do que uma excelente exposição, e também é tudo isto. Mas como reflecte Vasari no prefácio da *Vita*: «*A avidez do tempo (...) cancela e apaga o nome de tantos artistas que não foram imortalizados pelas penas dos escritores. (...) o seu esquecimento é como uma segunda morte.*»

Com a Ana que pertence «*à raça daqueles que percorrem o labirinto, sem jamais perderem o fio de linho da palavra*» não daremos nunca uma segunda morte a Amadeo.

Margarida Cunha Belém, 2018